



A ESCRITA DA NAÇÃO NO GRANDE SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

Irma VIANA¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é mapear e analisar estratégias de *desconstrução* de imagens que instituem a *nação homogênea* e o *povo uno*, que podem ser lidas no discurso de Guimarães Rosa sobre o sertão – um mundo tido como arcaico, supostamente imóvel e mítico. Parto da hipótese de que, ao *narrar a nação* a partir dos confins da pátria – do que pode ser considerado as bordas de uma nação moderna – Rosa acaba por trazer à luz aquilo que ficou “de fora” do grande curso da história, de certa forma, à margem do processo civilizatório ocidental. Faço uma leitura do *Grande Sertão: Veredas* buscando desvelar o (*entre-*) lugar da *nação*, atentando para a natureza *liminar* do *grande sertão* no relato de Riobaldo (narrador-personagem), no qual a questão dos limites, o problema da divisão e das margens, constitui o cerne da questão nacional.

Palavras chave: Nação – Sertão – Literatura – Guimarães Rosa

Na obra de João Guimarães Rosa, o sertão tem múltiplos e inconciliáveis sentidos. No *Grande Sertão: Veredas*, o velho Riobaldo (personagem-narrador), barranqueiro do rio São Francisco, postado à margem do grande caminho da civilização brasileira, fazendo-se narrador nostálgico do sertão que já não há, conta, a um visitante citadino, a história de sua vida junto a seus companheiros jagunços e suas estratégias de sobrevivência no sertão, na guerra. Todavia, o que se apresenta para o ouvinte e para o leitor, não é apenas a história de vida de um jagunço sertanejo, *que não passa de ser homem muito provisório*, como esclarece o próprio narrador:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (ROSA, 1986, p. 93).

No fundo, diz ele a certa altura, está contando a história na tentativa de buscar uma razão de ser para o curso dos acontecimentos e um sentido para sua vida, vivida, à época, sem consciência, como declara logo no início de seu relato:

¹ Doutoranda Do Programa Multidisciplinar Em Cultura E Sociedade da Faculdade De Comunicação Da Universidade Federal Da Bahia.



De primeiro, eu fazia e mexia e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei nesse gosto, de especular idéia (ROSA, 1986, p. 3).

Tendo acumulado um saber feito de experiências, pelas muitas andanças pelo vasto sertão do Brasil, *afora, adentro*, agora já imobilizado e doente, o exibe a um ouvinte cidadão, tornado seu interlocutor, a quem Riobaldo confessa, a fim de compreender, por meio da *escritura*, a experiência vivida:

Falo por palavras tortas. Conto minha vida que não entendi.(...) Ao doido doideras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim é como conto (ROSA, 1986, pp. 93 e 457).

Conta com a ajuda do seu interlocutor, *seu amigo, mas estrangeiro*, para, através da escrita (dele, pois ele é quem escreve a história que Riobaldo se esforça por lembrar), tornar plausível seu discurso fragmentado. Na esperança de apreender o significado mais amplo, coletivo, do que viveu, viu e ouviu. O que nos remete ao conceito de *consciência situacional* ou *alegoria nacional*, de Fredric Jameson (1992), segundo o qual o contar da história individual e a experiência individual não podem deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade. Portanto, um discurso que retrata o sertão – considerado aqui enquanto metáfora e metonímia da *nação*, narrada a partir de suas margens – através da história de vida de um jagunço sertanejo, contada por ele mesmo, e entremeada de casos que ele ouviu de outrem – não deixa de ser uma alegoria do *nacional* enquanto ato performativo que acrescenta um traço suplementar à grande narrativa da *nação*. O ato performativo, assegura Bhabha, desestabiliza o sentido de *povo uno*, homogêneo – objeto histórico da pedagogia nacionalista.

Torna-se importante ressaltar, logo de partida, o caráter fragmentado da *narrativa da nação* no *Grande Sertão: Veredas*, posto que, Riobaldo, ao contar a história de sua vida, ao recontar a história do sertão, não segue uma ordem cronológica dos fatos, nem o método da historiografia tradicional. Vai contando conforme vai lembrando. De forma que o grande esforço do velho Riobaldo, no seu relato, é buscar, com a ajuda do seu interlocutor – *homem muito ladino, de instruída sensatez* – um fio para a sua narrativa, tendo como objetivo o de colocar algum tipo de ordem nos acontecimentos para poder ser seguido, entendido, dada a dificuldade de lembrar-se seguidamente, ou seja, por meio das noções de causa e efeito e de continuidade, que



regem o método histórico tradicional ou a filosofia da história. Como diz o personagem:

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (ROSA, 1986, p. 172).

O fato de o personagem-narrador estar contando a sua história, permitiu a Rosa – no propósito de mapear o *vasto sertão* em sua ficção – incorporar à sua escrita grande parte do saber transmitido oralmente no sertão de Minas Gerais, o qual passou boa parte da vida registrando, ao modo dos viajantes europeus que visitaram o sertão do Brasil no Século XIX, os quais além de documentarem a flora e a fauna, historicizaram a paisagem do sertão ao mostrarem a ação destruidora e transformadora do homem. Foi a partir dessa documentação pessoal que Guimarães Rosa construiu a sua obra de ficção, toda ela retratando o homem do sertão do ponto de vista do homem do sertão e não dos naturalistas europeus que pesquisaram na região, mas que, diferentemente do interlocutor de Riobaldo, não deram ouvidos aos homens do sertão.

Elidindo a diferença estabelecida por sociólogos e historiadores entre história oral e escrita, o relato do velho Riobaldo, considerado por Willi Bolle (1999), Heloísa Starling (1999) e outros como mapa alegórico da região central do Brasil, tomado como alicerce de um retrato do país, vai-se construindo, na ficção roseana, com o objetivo imediato (por parte do jagunço narrador) de apresentar o sertão ao visitante que veio de fora para conhecer. Tal relato baseia-se no esforço de rememoração e na história oral. E começa advertindo:

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arroio de autoridade (ROSA, 1986, p. 7).

Um mundo distante, situado nos confins da *pátria*, regido por ética própria – ética essa que não reconhece a autoridade central do estado nacional – e que escapa aos grandes esquemas racionalistas europeus de entendimento e enfrentamento do mundo, é retratado, no *Grande Sertão: Veredas*, através de uma narrativa fragmentada que questiona a continuidade e universalidade do curso da história, por meio de uma linguagem que incorpora a fala popular e o mito, trazendo à cena a voz do recalcado.

Partindo desse universo marginal, no sentido de que está à margem das



narrativas hegemônicas da *nação*, a prosa roseana coloca em confronto e faz conviver a barbárie e a civilização, o campo e a cidade, remetendo-nos à questão das fronteiras internas de uma nação periférica no seu momento de sua passagem para o moderno. Dessa forma, a representação roseana poderá ser tomada como exemplo das *contra-narrativas da nação* de que nos fala Home Bhabha (1998), ou seja: a representação roseana pode ser interpretada a partir da idéia de contra-narrativa da nação, na medida em que evoca a *nação*, no sertão, para rasurar suas fronteiras totalizadoras, tanto reais quanto conceituais.

A caracterização, no *Grande Sertão: Veredas*, desse espaço *nacional*, deslocado, marginal, remete à noção contemporânea metafórica de *fronteira*, ou seja, a fronteira não como o lugar onde uma coisa acaba e outra começa, mas, como o local mesmo da *mistura*. A descoberta ou a constatação desse amalgama porém é quase uma surpresa para Riobaldo, que queria “os pastos todos demarcados”. Seu desejo era narrar as coisas de maneira clara, “pontuando opostos”, o que o leva a se confrontar com a *mistura* própria desse mundo fronteiriço:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim, ruim. Que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! ...Como é que posso com esse mundo? (...) Ao que, esse mundo é muito misturado (ROSA, 1986, p. 206).

É, por hipótese, nesse espaço fronteiriço, onde está tudo *misturado* (ARRIGUCCI: 1994), que toma lugar a questão *nacional* (pro)posta por Rosa, ou que pode ser lida na obra de Rosa quando se ressalta o caráter construído (requisito da crítica contemporânea, apontado desde a crítica da modernidade) da *nacionalidade*, tanto quanto da *comunidade imaginada*, entrevisto no relato de Riobaldo. Resulta daí o tom extremamente contemporâneo atribuído por Heloisa Starling – interessada no potencial político do projeto literário de Guimarães Rosa – à narrativa da nação em *Grande Sertão: Veredas*, e que a torna ímpar na tradição do gênero *retratos do Brasil*.

Assim, o projeto nacional em Guimarães Rosa se constrói e desconstrói num *entre-lugar*, para usar um termo cunhado por Silviano Santiago, ou seja: *entre* universalismo e particularismo, *entre* cidade e interior, *entre* progresso e atraso, *entre* autonomia e dependência, *entre* primeiro e terceiro mundo, ou ainda, num *lugar* que, segundo Ettore Finazzi-Àgro (2001), se desloca constantemente, é sempre móvel. Em



última instância, o que caracteriza o lugar da *nação* na narrativa roseana é o *trânsito*, nas palavras de Riobaldo Tatarana: a *travessia*: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1986, p. 60).

Contudo, delinea-se, no relato do velho Riobaldo, um retrato da guerra jagunça e da violência, como parte característica do modo de vida do sertanejo, que constitui aqui o segundo tema principal de que fala a narrativa roseana da *nação*, onde se entrecruzam os diversos pontos de vista sobre o sistema político no sertão do Brasil. Riobaldo Tatarana, futuro chefe de codinome Urutu Branco, descreve as batalhas sangrentas que deram lugar à sucessão dos grandes chefes jagunços, no grande sertão, e desse modo revela as estruturas de poder, em vez de as encobrir como é o caso de Euclides da Cunha, seu precursor no relato de ficção da história da guerra no sertão da Bahia.

O sertão, visto da cidade

A representação do sertão /nação na narrativa roseana se dá por meio da construção de uma paisagem que não é uniforme (assim como a *nação* não é *una*): “O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o chapadão, lá acolá é a caatinga” (ROSA, 1986, p. 458).

O sertão real é algo a ser buscado, algo que Riobaldo persegue, mas que se revela cada vez mais inapreensível, não só por sua diversidade, exemplificada pela multiplicidade de vozes e pontos de vista que compõem o romance, assim como pela ambigüidade intrínseca ao comportamento, pensamento e modo de agir do sertanejo, e conseqüentemente, porque o sertão (não fisicamente mas como *forma de pensamento*) é *sem lugar* e, ao mesmo tempo, *está em toda parte*. Da mesma forma, a *nacionalidade*, na narrativa Roseana, também é sem lugar, sempre deslocada, porém ubíqua: “Sertão – se diz – o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão aparece” (ROSA, 1986, p. 356). Com efeito, a paisagem do sertão, sertões, apresentada no *Grande Sertão: Veredas*, descontrola a visão do Brasil como sertão desolado e inumano, introduzida por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (tomando como parâmetro de humanidade a civilização ocidental), e que ainda persiste nos discursos literários, históricos e sociológicos, como se pode divisar da gênese desse tipo de formulação no pensamento social brasileiro por Nísia Trindade Lima (1999).



Como também no diagnóstico de Eduardo Lourenço:

Pode-se dizer que, à parte o retrato grandioso e inerte dessa essencial sertanidade brasileira, a visão do Sertão Brasil proposta por Euclides cumpre as funções de um mito. Mas a sua verdade era tão profunda, que a cultura brasileira, durante décadas, mais não fará do que ficcionalizar essa ‘sertanidade’ do mundo brasileiro (LOURENÇO, 1999, p. 207).

O sertão tampouco é definido ou recortado, no relato de revista do velho Riobaldo, exclusivamente como uma região do Brasil, afastando a hipótese de o romance ser classificado como literatura regionalista. O lugar do sertão como *forma de pensamento* (BOLLE, 1994/95, p. 86) na narrativa de Guimarães Rosa *nunca se divulga*, estando sempre no limiar, no *entre-lugar*, ou seja: entre civilização e barbárie, campo e cidade, região e mundo. Podendo ser lido como um local fronteiro onde se representa, a partir da *mistura*, o espaço-tempo ambivalente da *nação* como estratégia narrativa, algo que produz, do ponto de vista de Homi Bhabha (1998), um contínuo deslizamento ou uma “disseminação”.

O que caracteriza a *ambigüidade da narrativa da nação* no *Grande Sertão: Veredas* é a certeza da existência do sertão (*está dentro da gente*), como interior e exterior à consciência do sertanejo, e ao mesmo tempo a dúvida quanto a essa existência (que não é palpável e não se deixa abarcar, principalmente por meio de categorias racionalistas): *Deus (ou o sertão) existe e não existe?*

O fato de a obra de Rosa retratar o sertão como *mundo misturado*, de acordo com a caracterização do romance por Davi Arrigucci (1994), incluindo diferentes formas de na(rra)ção, contendo uma multiplicidade de vozes e tempos diferentes, acaba por provocar uma rasura na matriz dicotômica de interpretação da sociedade brasileira, que postula uma oposição entre o interior longínquo e despovoado, solo descalcinado, onde se desenrolam os dramas da seca e onde impera a violência social, e o litoral – urbano e civilizado. Percebe-se que essa divisão nos relatos históricos e sociológicos se define mais pelo contraste entre fases históricas diversas do que por diferenças geográficas, regionais ou culturais.

Na visão roseana da *nação*, uma significativa mistura de diversos níveis da realidade histórica, dos *tantos tempos miúdos recruzados*, combinados nas profundezas do sertão, e na memória do velho Riobaldo, desmonta a geografia e a hierarquia das dicotomias postuladas pelo pensamento europeu entre barbárie e civilização, campo e



cidade. Afastando-se daquela perspectiva histórica universalista que nos foi imposta, a obra de Guimarães Rosa representa um outro *modo de ver* o campo e as populações rurais do Brasil, deixadas à margem do “progresso” e dos benefícios do “desenvolvimento” e da “modernização”, pelo irregular processo civilizatório brasileiro. Rosa nos apresenta um retrato do país suspenso *entre* a afirmação de uma pátria e a persistência de mil pátrias, *entre* progresso e atraso, *entre* autonomia e independência, *entre* primeiro e terceiro mundo, e que permanece nessa indecisão: nesse *entre-lugar*.

O mundo da alta política da jagunçagem, da guerra e da coragem

Será a realidade o reverso do tecido, reverso da metáfora – aquilo que está do outro lado da linguagem? Talvez a realidade também seja uma metáfora.
(Otávio Paz, O Mono Gramático)

O retrato da vida sertaneja e da guerra jagunça erigido por Rosa reforça o fato histórico de que o exercício privado e organizado da violência é, ao longo da história brasileira, uma instituição e não uma exceção. É tradição brasileira secular a presença de uma força armada a serviço do proprietário rural (latifundiário). No *Grande Sertão de Riobaldo*: “Medeiro Vaz era chefe grande e nós éramos os medeiros vase” (ROSA, 1986, p. 270).

Através da fala, em primeira pessoa, do jagunço Riobaldo, Guimarães Rosa apresenta um mundo onde o “real” e o “sobrenatural” coexistem em relativa harmonia e onde são difusas as fronteiras que devem manter separados o santo do bandido, o louco do herói, etc. Trata-se de um mundo onde manda quem é mais forte, *nas astúcias*, e em que a paz depende da guerra, sendo a violência, entendida como motor da história, que dita as regras: “Ah, mas no centro do sertão, o que é doidera às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (ROSA, 1986, p. 266).

Dessa maneira, Riobaldo comenta o fato de Zé Bebelo, vencido pelo bando de jagunços chefiados por Joca Ramiro, antes de ser condenado e morto, como sempre acontecia aos prisioneiros de guerra, ter sido, de modo inédito, posto em julgamento *no centro do sertão*. Episódio ocorrido igualmente no meio da narrativa e interpretado, muitas vezes, como a introdução do princípio do direito no mundo jagunço, convertendo-o num sistema político particular. Mundo este regido por leis próprias e que foi muitas vezes considerado irracional. Entretanto, Guimarães Rosa vai justamente



mostrar sua racionalidade específica, mas não imutável.

O julgamento de Zé Bebelo, no meio da história, é tomado por Heloisa Starling (1999), do ponto de vista da Ciência Política, como acontecimento exemplar de uma forma possível de convivência entre os homens, logo, como “ato fundador” de um sistema político no sertão. Porém, no relato desse acontecimento por Riobaldo podemos entrever – ao contrário de entendê-lo como ato fundador, como se o sertão não representasse antes já um sistema político – um questionamento da visão do sertão como terra distante, sem lei, e que se delineia, do ponto de vista adotado aqui, como estratégia de desconstrução do discurso histórico linear e progressista que vê no sertão do Brasil reminiscências de um sistema feudal tanto quanto da perspectiva que entende a narrativa roseana da nação como ato fundador.

Em contrapartida, no entendimento do jagunço Riobaldo, futuro chefe Urutu Branco, narrador nostálgico, aquilo era justo, mas, não lhe parecia certo, uma vez que, apesar de admirar Zé Bebelo – inclusive sendo quem tinha lhe salvado a vida no combate, possibilitando o julgamento – duvidava, no entanto, de seus propósitos:

O justo que era, aquilo estava certo. Mas, de outros modos – que bem não sei – não estava. Assim, por curta idéia que eu queria dividir: certo no que Zé Bebelo tinha feito; mas errado no que Zé Bebelo era e não era (ROSA, 1986, p. 251).

Riobaldo tinha Zé Bebelo em alta conta, o único que podia entendê-lo, mas desconfiava de seus planos (o conhecia bem). Pois, antes de se tornar jagunço tinha lutado no bando de Zé Bebelo contra a jagunçada e, insatisfeito, fugiu e acabou – por influência de Diadorim e seu interesse por ele – entrando para o bando de Medeiro Vaz, antecessor de Joca Ramiro, pai de Diadorim, inimigo de Zé Bebelo. Estava, portanto, sob o comando de Medeiro Vaz quando se confrontou com Zé Bebelo no tal combate que resultou na derrota e julgamento desse último. Zé Bebelo é julgado, poupado da morte e expulso do sertão, mas volta e acaba se tornando chefe, sucessor de Joca Ramiro, pai de Diadorim – de quem os jagunços pretendem vingar o assassinato.

Afundando pelas veredas do sertão, Riobaldo e seu bando, comandados então por Zé Bebelo, tornado chefe jagunço, vão cruzando com uma massa de despossuídos dos quais os *catrumanos* são a representação da mais crua miséria humana. Nos *fundos*, *fundos*, vive essa gente de *estranhoso aspecto*, *só molambos de miséria*, no dizer de Riobaldo. Ao perguntarem ao chefe Zé Bebelo de onde estavam vindo, são



contemplados com a seguinte resposta: – *Ei, do Brasil, amigo.*

Entretanto, o Brasil, tal como pensado por Zé Bebelo, está em outra parte. Em nome da reforma, da modernização, é que Zé Bebelo move a guerra no sertão, ora como chefe jagunço, ora como aspirante a deputado que luta contra os jagunços com um contingente misto de soldados e jagunços. Com o objetivo de acabar com o mundo da jagunçagem, e arrancar o sertão do atraso. Seu projeto, enquanto representante do político progressista, era, portanto, tomar conta do sertão para depois transformá-lo. Caso fosse deputado, seus planos incluíam:

...departir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toesas deste sertão (...), o que imponho é se educar e socorrer as infâncias desse sertão (...) deputado fosse, então reluzia prefeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreado mil escolas..

Na reconstrução desse mundo, onde tudo *é e não é*, incorporando uma multiplicidade de vozes, Guimarães Rosa coloca em cena um país em trânsito, em busca de seu caminho próprio de passagem para o moderno. O romance, porém, não aponta caminhos para ultrapassar o processo de transição e alcançar a modernidade, antes quer permanecer no trânsito. De forma que sua narrativa do sertão /nação pode ser entendida como *contra-narrativa*, como estratégia de desconstrução da *nação homogênea*.

Através da figura de Zé Bebelo, o romance revela a visão dos que defendiam o progresso pela industrialização e pelo ideário republicano, que profetizava o desaparecimento adaptativo das sub-raças sertanejas pelos padrões de ocidentalização periférica. Visão calcada nas teorias do *fim do século* que enfatizavam a implacável força motriz da história e pretendiam levar a jovem nação republicana a uma transformação social que a colocasse em pé de igualdade com as grandes nações ocidentais. Influenciado por essas teorias, Euclides da Cunha foi o intelectual brasileiro que vivenciou, segundo Silviano Santiago (1991), com mais impulsividade e paixão o conflito de preservação e destruição entre a modernidade erudita e o tradicionalismo popular.

Guimarães Rosa recoloca esse impasse vivido por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (durante toda a narrativa Riobaldo vacila entre a existência ou não do demo, do sertão, da *pátria*), mas apresenta, com o relato do velho Riobaldo e sua consciência crítica, uma visão alternativa, vista aqui como uma espécie de questionamento da noção



de pátria. Como em *Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, o romance de Rosa mostra que, de determinado ângulo, o nacionalismo não resiste à reflexão crítica, através da ótica de um velho, ex-jagunço, retrógrado, que admira Zé Bebelo, símbolo da modernização, mas não concorda com ele e lamenta: “Agora, o mundo quer ficar sem sertão” (ROSA, 1986, p. 270).

Re-visitando o sertão, já velho, Riobaldo relembra os episódios que marcaram, simbolicamente, para ele, a destruição do mundo jagunço e seu sistema político – baseado na lealdade entre os homens de força e de coragem – do qual, de início, não se sentia parte. Dúvida que o acompanhou por toda a vida, juntamente com outras incertezas, pois *nunca tinha certeza de coisa nenhuma*, sinal da sua profunda ambigüidade. Mas, sistema pelo qual, devido às circunstâncias, estava profundamente marcado e confiava em suas leis, muito mais do que nas leis promulgadas por um Estado que não o contemplava. Diante disso, assim descreve Riobaldo a máquina estatal: “(...) máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso, mas o pensante da cabeça longe, só geringonçável na capital do Estado”. (Esplendida imagem da mecânica do estado à sua época, vista do sertão!):

O relato do jagunço Riobaldo, imerso na *guerra sem fim* (ROCHA, 1965), traduz claramente um exercício de rememoração desencontrado, que se desenvolve feito *jogo de baralho, verte, reverte*, e que, com a sua narrativa fragmentada, acaba por “quebrar” a suposta continuidade da filosofia burguesa da história. Pois não pretende narrar a guerra jagunça como uma seqüência lógica de acontecimentos, antes visa à compreensão da mentalidade e do sistema de poder que rege o universo daquelas guerras.

O romance de Guimarães Rosa, ao focalizar os discursos que falam da guerra no sertão, acaba, pois, por desvelar as estruturas de poder e a composição de forças (reativas), que lutavam contra a injustiça, em uma sociedade agrária e analfabeta, dirigida por uma elite cosmopolita, voltada para o modelo de civilização europeu (colonizador). Desse modo, não pretende, a ficção roseana, desaguar a história da guerra jagunça no grande rio da História do Brasil, mas antes recontar a história do sertão a partir de uma perspectiva não universalista da história e, mais importante, sem reprimir a violência, constitutiva desta.

Contando como um rio tanto anda



*A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece
nas coisas como sua lei anterior, a rede secreta
segundo a qual elas se olham de algum modo
umas às outras e aquilo que só existe através do
crivo de um olhar, de uma atenção, de uma
linguagem.*
(Michel Foucault, As Palavras e as Coisas)

Observando a perspectiva historiográfica a partir da qual o sertão /nação é narrado no relato do velho Riobaldo – narrador-rio – podemos dizer que tal perspectiva é *rasteira*, como se pode entrever na fala do personagem-narrador, cujo nome, é interessante notar, incorpora a palavra rio: “Penso como um rio tanto anda: que as árvores da beirada mal nem vejo” (ROSA: 1986, p. 321).

Tal perspectiva nos diz muito a respeito do projeto literário de Guimarães Rosa no *Grande Sertão: Veredas*, a saber: o de iluminar uma visão do Brasil que não seja o somatório das diferenças regionais e de um ponto de vista diferente daquele, panorâmico, que vê à distância, como o relato de Euclides da Cunha, ou do alto, como os pássaros. Assim se expressa Riobaldo, ao questionar sua própria visão, não sem ironia, no final de seu relato: “Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas...” (ROSA, 1986, p. 537).

Como já foi dito acima, a narrativa roseana não se resume ao relato dos fatos da vida sertaneja e da guerra jagunça por um sertanejo, uma vez que incorpora o ponto de vista do intelectual, do cientista, que também se faz representar no romance, por meio do diálogo com o interlocutor e sua escrita, cuja função é auxiliar Riobaldo, que também fora alfabetizado, a re-encontrar o fio condutor de sua história. “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio? (...) Invejo é a instrução que o senhor tem” (ROSA, 1986, p. 92).

Todavia, o jagunço Riobaldo, mesmo tentando, ao contar a sua história, com a ajuda do ouvinte citadino, recuperar o sentido desta – história refeita por fora e pelo outro: *simulacro*, conforme Deleuze (1974) – não enxerga na sua experiência nenhuma razão que a tenha norteado, e assim comenta a sua (in)capacidade e (in)disposição de ordenar a lembrança dos fatos que lhe ocorreram no passado:



A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância (ROSA, 1986, p. 92).

A narrativa da nação no *Grande Sertão* é, ao mesmo tempo, a história de vida de um jagunço (das andanças e batalhas de um bando de jagunços), um olhar sobre a história de uma região do Brasil e a contemplação de um espaço fronteiriço, através de uma perspectiva que não é um sobrevôo, mas um olhar atento às miudezas, e, principalmente, à recolha da diversidade de que fala o país. Para Willi Bolle (1994-1995), nas *veredas*, já presente no título, se pode entrever a teoria de uma nova historiografia literária. Trata-se do olhar sóbrio, da perspectiva rasteira, da fala dos humildes. O significado das *veredas*, brilhantemente colocadas no título, será compreendido aqui como o modo inédito, de Guimarães Rosa, de retratar o *grande sertão nacional*, em sua obra, recorrendo a uma espécie de micro-história, uma história das miudezas, que coloca em cheque a historiografia tradicional, e acaba por apresentar uma visão do sertão e um retrato do Brasil que questiona a visão dualista euclidiana, podendo ser considerada, nesse sentido, como uma releitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Nessas frestas ou passagens do *Grande Sertão: Veredas*, se configura a história do cotidiano, a micro história do dia-a-dia – no recontar (recortar) *miúdo, miúdos*, de Riobaldo. Que vai (como o rio) construindo trilhas (veredas) de informações que parecem devorar as fronteiras historicamente delimitadas da *nação* moderna, colocando em questão a historiografia tradicional, universalista, imposta pelo pensamento europeu. Visão que acaba abalando as estruturas estáveis de um território demarcado, ao acrescentar vozes outras ao discurso hegemônico da nacionalidade.

As *Veredas* do *grande sertão* podem ser interpretadas portanto como caminhos para uma nova escrita da nação, onde representação do sertão /nação se faz, em contraposição a Euclides, de uma perspectiva rasteira, que não pretende ordenar os fatos de acordo com a lógica de uma história linear e universal, também não quer localizar o sertão apenas como uma região do Brasil. Ultrapassando os limites de um território demarcado, o itinerário percorrido por Riobaldo Tatarana desmonta antigas paisagens, geografias e, por conseguinte, desdobra as trilhas da realidade histórica e da experiência política da nação. Assim, se inscreve e escreve a *nação* na ficção de Guimarães Rosa.



Abstract: The purpose of this study is to map and analyze strategies of images deconstruction, establishing a *homogeneous nation* and just *one people*, which can be read in the discourse of Guimarães Rosa about the wilderness - a world that is seen as archaic and mythical alleged property. I start from the assumption that, telling the nation from the confines of the nation - what can be considered the edge of a modern nation - Rosa eventually light what was "outside" from the general course of history, somewhat, in margins of Western civilization process. I read *Grande Sertão: Veredas* seeking to unveil the (between-) place of the *nation*, paying attention on the *liminal* nature of the *great wilderness* in Riobaldo's report (narrator-character), which borders question, the problem of division and margins, are the heart of the national question.

Keywords: Nation - Wilderness - Literature - Guimarães Rosa

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI Jr, Davi. "O mundo misturado". *Novos Estudos*. CEBRAP, n.40, nov, 1994.
- BARRETO, Lima. *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- BOLLE, Willi. "Grande sertão: cidades". *Revista da USP*, n.24, dez/fev, 1994-1995. p.80-93.
- BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. In: Antello et al. *Leituras do Ciclo*. Florianópolis, ABRALIC/ Chapecó, 1999. p. 255-266.
- CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- DELEUZE, Gilles. "Platão e o simulacro". In: *A Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. *O Outro Cabo*. Coimbra, Reitoria da Universidade/A Mar Arte, 1995.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Um Lugar do Tamanho do Mundo: Tempos e Espaços da ficção em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, EDUFMG, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- JAMESON, Fredric. *O Inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo, SP : Ática, 1992.
- LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro*. Lisboa, Publicações Don Quixote, 1999.
- ROCHA, Glauber. *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- SANTIAGO, Silviano. "Apesar de dependente, universal". In: *Vale quanto pesa; ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p. 13-24.
- SANTIAGO, Silviano. "Modernidade e Tradição Popular". In: *Revista de Literatura Comparada*, n.1, Niterói, ABRALIC, março, 1991.



Baleia na Rede
Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura

SANTIAGO, Silviano. “O Entre-lugar do Discurso Latino-Americano”. In: *Uma Literatura nos Trópicos; ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 11-28.

SANTIAGO, Silviano. Transtornado, incerto. *Suplemento Literário de Minas gerais*, 19, Belo Horizonte, 1996.

STARLING, Heloisa. *Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Revan, UCAM, IUPERJ, 1999.

Recebido em 01/08/2008
Aceito para publicação em 27/09/2009